

O LUGAR DA CATEGORIA DISCURSO CITADO NA ABORDAGEM DIALÓGICA DA LINGUAGEM

José Ronaldo Ribeiro da Silva¹

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa²

RESUMO: Este trabalho aborda a natureza da categoria “discurso citado” no escopo do pensamento bakhtiniano e o seu nível de importância dentro da abordagem dialógica da linguagem. Elabora também reflexões sobre a desvalorização que essa categoria analítica tem recebido dentro dos mais variados contextos de análise linguística, como no próprio seio dos estudos da linguagem e, principalmente, no sistema educacional que, de forma geral, reduz o fenômeno a seus aspectos estruturais, o que alija os sujeitos leitores de um mecanismo profícuo de apreensão e vasculhamento de significados que as formas de discurso citado representam. Esse procedimento de exclusividade estrutural no tratamento dessa categoria não permite que se percebam os embates ideológicos que os contextos do discurso citado encerram. Para fundamentar a discussão, convocam-se as contribuições de Bakhtin (2010, 2011, 2014), Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Maingueneau (1996, 2002), Castro (2009) e Barbosa (2008). As reflexões apontam para a necessidade de um novo olhar para o fenômeno, inscrevendo-o definitivamente enquanto fenômeno dialógico de linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso Citado. Abordagem Dialógica da Linguagem. Análise Linguística.

THE PLACE OF THE CATEGORY QUOTED SPEECH IN THE DIALOGIC LANGUAGE APPROACH

ABSTRACT: This paper discusses the nature of the category “quoted speech” in the scope of Bakhtin's thought and its level of importance within the dialogical approach of language. It also develops reflections on the devaluation that this analytical category has received within the various contexts of linguistic analysis, as in language studies domains, and especially in the educational system that, in general, reduces the phenomenon to its structural aspects, which takes away from the readers a useful mechanism for combing and seizing the meaning that the forms of quoted speech represent. This structural exclusive procedure in the treatment of this category does not allow the readers to realize the ideological clashes that the linguistic contexts of quoted speech contain. To support the discussion, the paper calls up the contributions of Bakhtin (2010, 2011, 2014), Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Maingueneau (1996, 2002), Castro (2009) and Barbosa (2008). The reflections point to the urgent need for a new look at the phenomenon, inscribing it definitely as a dialogical phenomenon of language.

KEYWORDS: Quoted Speech. Dialogic Language Approach. Linguistic Analysis.

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Pau dos Ferros/RN - Brasil. E-mail: ronaldrsjr@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Pau dos Ferros/RN - Brasil. E-mail: socorromaia@uern.br.

INTRODUÇÃO

Um dos assuntos mais complexos e ao mesmo tempo mais subvalorizados pela cultura letrada na atualidade é o discurso citado. Apesar de serem descritas por Bakhtin (2014) como fenômeno de interesse central para o pensamento sócio-discursivo do autor e membros do Círculo, as *formas de transmissão da palavra alheia* não têm recebido, em geral, o tratamento que o mestre russo esperava.

No âmbito deste trabalho, procuramos refletir sobre o verdadeiro lócus desta categoria dentro do pensamento bakhtiniano. Para tanto, buscamos descrever alguns pressupostos da abordagem dialógica da linguagem e qual é a natureza da relação entre o discurso citado e a categoria do dialogismo. As reflexões iniciais levam ao questionamento de qual seria o lugar ou a importância do discurso citado dentro da abordagem dialógica da linguagem.

Além disso, o texto problematiza a questão da subutilização dos mecanismos de citação da voz alheia, que têm recebido um tratamento quase sempre estruturalista, apesar de ter sido inicialmente apontado por Bakhtin e os membros do Círculo como fenômeno essencialmente dialógico, sócio-interacionista.

Para fundamentar a discussão proposta por este trabalho, convocamos as contribuições teóricas de Bakhtin (2010, 2011, 2014), Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Maingueneau (1996, 2002), Castro (2009), Barbosa (2008), dentre outros autores. Estes quatro últimos pensadores corroboram, resguardadas suas respectivas idiosincrasias epistemológicas, o pensamento bakhtiniano de que a citação da palavra do outro é um elemento de natureza social e discursiva, responsiva e, desta forma, dialógica.

A ABORDAGEM DIALÓGICA DA LINGUAGEM

O tratamento metodológico embasado no pensamento bakhtiniano, independentemente da categoria analítica que se pretenda abordar, sempre será perpassado pela abordagem dialógica da linguagem. Qualquer categoria posta em escrutínio, dentro da epistemologia de Bakhtin, a palavra, o enunciado, o signo, a ideologia, a polifonia, a poesia, o romance, etc. preservará a marca daquela que se compreende como legado maior do mestre russo: a compreensão da linguagem enquanto fenômeno dialógico.

Bakhtin (2014) defende que a linguagem é, essencialmente, um fato social, vivo, e que só se pode chegar à exata compreensão de sua natureza ali, no seu lócus propício, isto é, no meio social, onde se dá seu uso interindividual. Sem essa condição, a língua passa a ser interpretada apenas como um sistema imanente, visão que o mestre russo criticou em contemporâneos que se filiavam a duas tendências principais. Ele assim descreve a primeira delas:

A primeira tendência interessa-se pelo ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua (no sentido de toda atividade de linguagem

sem exceção). O psiquismo individual constitui a fonte da língua. As leis da criação linguística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual, e são elas que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem. (BAKHTIN, 2014, p. 74)

Segundo a descrição do autor, essa primeira tendência ou corrente de pensamento vigente na época, associava a língua a fatores psíquicos, individuais e, desta forma, os pesquisadores e pensadores da linguagem deveriam se debruçar sobre o ato criativo individual para a compreensão da língua. Neste aspecto, a língua se caracterizaria mais como uma criação artística, sempre individual, com um estilo próprio e com a produção de enunciados únicos, como deve ser única uma obra de arte. Essa corrente de pensamento era notoriamente encabeçada pela figura de Wilhelm Humboldt. Bakhtin (2014) a denominou de “subjetivismo idealista”.

Já a segunda tendência compreendia a linguagem sob outra ótica. Segundo essa concepção, o foco da criação e da organização linguística não é o indivíduo e sim o próprio sistema linguístico, considerado imanente, com regras muito bem definidas e estáveis. Segundo a descrição de Bakhtin (2014, p.79):

Enquanto que, para a primeira orientação, a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, para a segunda orientação, a língua é um arco-íris imóvel que domina este fluxo. Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação, encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços *idênticos*, que são assim normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais -, que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade.

Com essa apresentação, as duas tendências são postas em comparação quanto às suas visões sobre a língua, em linhas gerais. Observe-se que a segunda tendência, que o teórico chama de “objetivismo abstrato”, é, basicamente, a epistemologia geral do pensamento de Ferdinand de Saussure e de seus seguidores estruturalistas.

A crítica elaborada por Bakhtin a essas duas tendências se dá pelo fato de que ambas negligenciam explicitamente o caráter sócio-histórico e interativo-dialógico da linguagem. Como se pode observar, uma põe o foco na mente individual ao passo que a outra, no próprio sistema abstrato, imanente, como se a língua fosse uma entidade autorregulatória.

Bakhtin concorre com seus contemporâneos ao fornecer aos estudos da linguagem uma visão que, embora não se possa dizer completamente inovadora, é bastante profícua, dada a variedade de categorias que conseguiu abordar, todas atravessadas pelo conceito de linguagem em constante diálogo, uma linguagem responsiva, que se materializa em respostas a “já ditos” e que enseja novos diálogos, novas respostas.

Levando-se em consideração esse caráter responsivo, a categoria do discurso citado só pode ocupar um lugar de destaque, pois uma citação se materializa em um espaço enunciativo em que, explicitamente, os discursos de tocam, em um ambiente de resposta. As diversas formas de citação representam inegavelmente a evidência de um diálogo. Como esse diálogo é empreendido, através de quais mecanismos e o significado das preferências de uso de uma ou outra forma, é trabalho que o analista de discursos deve procurar elucidar.

Bakhtin (2010) propõe que as pesquisas que concebem a língua enquanto fenômeno dialógico não devem rejeitar os pressupostos da chamada linguística estruturalista, ou linguística dura, porém, a visão de linguagem que o autor compartilha juntamente com os membros do Círculo possui uma natureza extralinguística, ou, como ele mesmo denomina “metalinguística”. O autor assim se refere a essa questão:

As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético - o discurso -, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente, e não se fundir. (BAKHTIN, 2010, p. 207).

Em outros termos, as análises metalinguísticas ou translinguísticas devem partir de categorias concretas, já abordadas pela linguística, para que, a partir delas, possa abstrair relações que apontem para seu exterior, para seu uso fora do sistema linguístico imanente. Isso porque a abordagem dialógica da linguagem se interessa pelas relações dialógicas, pelo encontro sócio-verbal dos sujeitos e de suas vozes, que acontece na produção e recepção interativa de enunciados.

As análises linguísticas sobre o discurso citado em gramáticas, por exemplo, quer de natureza mais tradicional ou normativa, quer mais descritivas, propõem exercícios que exploram mais aspectos transformacionais entre os tipos de discurso citado, como por exemplo, mudar uma sentença que se encontra em discurso direto para uma construção indireta e vice-versa. Dedicam especial atenção às mudanças das formas verbais, dos pronomes empregados, de aspectos adverbiais e de sinais gráficos que delimitam as formas de citação.

Ao elencar estes tópicos como objetos de análise, a linguística se detém à superfície, à estrutura da língua, não adentrando na perscrutação de sentidos e na complexa teia constitutiva do discurso. Não aborda as relações dialógicas presentes nos enunciados. Nem deveria, de acordo com o pensamento de Bakhtin (2010), pois a análise dialógica do discurso cabe à metalinguística. Esta, em seu turno, extrapolará a estrutura textual-discursiva e abordará temas de interesse extralinguísticos, da língua enquanto fenômeno em funcionamento na sociedade e posicionada no curso da história. De acordo com a visão do autor:

[...] a linguística estuda a ‘linguagem’ propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que torna possível a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações

propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isso, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias. (2010, p. 209, grifos do autor).

Neste sentido, Bakhtin defende que o objeto da metalinguística, que vai além da análise estrutural, é o discurso em seu nascedouro e fluxo contínuo de atividade: o contexto sócio-histórico. Na abordagem dialógica da linguagem, as análises devem ser executadas levando-se em consideração fatores de ordem social e histórica, além de considerar também a atividade do falante, que não é visto nesta perspectiva como mero atualizador de um sistema autônomo.

O princípio do dialogismo da linguagem pressupõe um discurso constituído de respostas e prece de respostas. Ao mesmo tempo em que certo enunciado retoma, de alguma forma, toda uma teia de enunciados já ditos alhures e/ou em outros tempos, ele mesmo reclama uma resposta que há de vir. Não há discurso sem resposta ou que não dialogue com o já dito. O discurso olha, portanto para dois infinitos: há uma *reticência anterior*³, relacionada com o “já-dito” (impossível de detectar até o início, isto é, o primeiro discurso adâmico) e uma *reticência posterior*, que aponta para o que há de vir, para as respostas que o enunciado ensejará. Essa questão é bem resumida por Bakhtin (1998, p. 89), quando afirma que:

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do ‘já-dito’, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo.

O mestre russo coloca o discurso em meio a um *continuum*. Fruto de respostas e ensejador de respostas, o discurso está sempre em diálogo, é vivo e constante. Resguardadas as diferenças no que tange aos pressupostos teóricos e metodológicos, este ponto de vista é compartilhado, com certas aproximações, por outros autores como Authier-Revuz (1990, 2004, 2012) que, ao tratar da complexidade do tema da heterogeneidade enunciativa, corrobora o caráter essencialmente dialógico da linguagem. A autora concebe o discurso enquanto produto da memória discursiva. Embasada na abordagem dialógica de Bakhtin e do Círculo e em autores da área da psicanálise como Freud e Lacan, ela afirma que:

As palavras são, sempre e inevitavelmente, ‘as palavras dos outros’: esta intuição atravessa as análises do plurilinguismo e dos jogos de fronteiras constitutivas dos ‘falares sociais’ das formas linguísticas e discursivas do hibridismo, da bivocalidade que permitem a representação no discurso do discurso do outro. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27, grifos da autora).

³O uso do termo reticência é apenas um recurso metafórico para indicar a infinitude da linha do tempo.

Corroborando a tese bakhtiniana do atravessamento do outro no discurso, a palavra alheia está sempre presente na constituição do enunciado, de acordo com o ponto de vista da referida autora. Também J.J. Courtine (1981) propõe a existência de dois eixos discursivos, acionados sempre que uma nova formulação ou, na terminologia bakhtiniana, enunciado, emerge: um eixo horizontal, ou eixo da atualização do dizer e um eixo vertical, que reuniria toda a gama de formações discursivas, o eixo do interdiscurso. Ao enunciar, o falante filia o seu dizer (horizontal) ao já-dito ou interdiscurso (vertical). O eixo horizontal sempre corta o vertical em algum ponto. Em outras palavras, o discurso se atualiza, porém, nunca deixa de tocar o que já foi dito, alhures, em outros tempos.

Existe uma relação complexa entre o discurso citante e o discurso citado e essa relação não tem chamado, até o momento, grande atenção por parte de teóricos e escritores dos compêndios gramaticais normativos mais conhecidos. Ao privilegiar a supremacia dos aspectos morfossintáticos sobre os aspectos dialógicos das formas de citação, os materiais didáticos escolares, as obras gramaticais em geral, alijam os estudantes de um conhecimento mais crítico acerca da constituição do discurso e de como seu próprio discurso é “formatado” historicamente, no seio de uma comunidade linguística que sempre se apoia em palavras dos outros para exprimir suas diferentes ideologias, suas variadas posições axiológicas⁴.

RELAÇÕES ENTRE O DISCURSO CITADO E O DIALOGISMO

As formas de citação do discurso do outro não representam um fenômeno que se possa dizer recente. Bakhtin (2014) e o Círculo ainda no início do século XX já levantavam apontamentos acerca da complexidade e proficuidade dos estudos nesse campo, realçando sua natureza complexa e inscrita como fenômeno central para as pesquisas de base dialógica. O autor chega a afirmar que:

Acreditamos que um fenômeno assim altamente produtivo, ‘nodal’ mesmo, é o do *discurso citado*, isto é, os esquemas linguísticos (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre) as modificações desses esquemas e as variantes dessas modificações que encontramos na língua, e que servem para a transmissão das enunciações de outrem e para a integração dessas enunciações, enquanto enunciações de outrem, num contexto monológico coerente. (BAKHTIN, 2014, p. 149, grifos do autor).

Pode-se observar que os pensadores russos colocaram o tema da citação no centro de suas preocupações. A partir de suas análises criou-se uma espécie de cânon, e estas três formas (discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre) passaram a ser tratadas como formas

⁴ O posicionamento axiológico reflete e refrata as diferentes visões de mundo, as ideologias dos grupos sociais, ou seja, “acentos apreciativos”, formas de interpretação e interação com a realidade social e histórica. Relaciona-se diretamente com o conceito de “valor”. A respeito desta temática, Bakhtin (1993, p. 79) escreveu: “[...] tudo nesse mundo adquire significância, sentido e valor apenas em correlação com o homem – como aquilo que é humano. Todo ser possível e todo significado possível se dispõe em torno do ser humano como o único centro e o único valor [...]”.

clássicas de citação do discurso do outro. Entretanto, existem outras formas até mais recorrentes, como por exemplo, a ilhota citacional ou textual, abordada por Authier-Revuz (2004) e Maingueneau (2002). Há ainda o discurso direto livre, a evocação, a modalização em discurso segundo e outras formas de heterogeneidade enunciativa que não pretendemos descrever no âmbito deste trabalho.

Algumas considerações, entretanto, fazem-se necessárias. Um desses pontos de alta relevância diz respeito à própria relação entre os conceitos de dialogismo e discurso citado. Interessa-nos, essencialmente, encontrar o elo epistemológico entre as duas categorias dentro do pensamento bakhtiniano, pois uma consideração basilar desta análise é exatamente a relação entre as duas categorias.

Bakhtin (2014) e os teóricos do Círculo consideram a linguagem enquanto fenômeno essencialmente dialógico. A comunicação está na base de seus pressupostos. Comunicação ativa e constante, pois em todas as esferas de utilização da linguagem, observa-se o caráter responsivo do discurso. Em maior ou menor escala, sempre dialogamos com o “já-dito” e nossos enunciados sempre ensejam uma resposta por vir. Diz-se que o enunciado é prenhe de respostas. Um texto sempre enseja uma resposta e sempre dialoga com textos já ditos sob formas oral ou escrita. Entretanto, é importante observar que diálogo bakhtiniano não é compreendido como uma interação face a face, com falas e tomadas de falas, segundo o modelo de réplica, tréplica, etc.

Considerar o diálogo em Bakhtin e o Círculo exige uma compreensão mais ampla. Os enunciados, sejam em forma de materialização falada ou escrita, dialogam no sentido de estabelecerem relações discursivas entre si. Bakhtin (2011, p. 323), afirma que:

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica.

Pode-se constatar que os enunciados que entram no fio discursivo ensejam uma resposta e ela se materializa, com as mais variadas nuances relacionais, em diferentes campos discursivos – religioso, científico, literário, etc. Isso constata a natureza dialógica da linguagem. Um problema aparente para quem trabalha com a ligação entre as formas de citação e as relações dialógicas é que, aparentemente, Bakhtin não relaciona diretamente as duas categorias, conforme dá a entender o excerto abaixo:

Esse fenômeno da *reação da palavra à palavra* é, contudo, radicalmente diferente do que se passa no diálogo. Aí, as réplicas são gramaticalmente separadas e não são empregadas num contexto único. Com efeito, não existem formas sintáticas com a função de construir a unidade do diálogo. (BAKHTIN, 2014, p. 151, grifo do autor).

No entanto, o próprio autor reconhece a proficuidade da análise das formas de citação, uma vez que elas encerram relações dialógicas por meio da recepção e transmissão da palavra alheia. Ora, se o diálogo é estabelecido pela coincidência temática, ainda que ocorra de forma tênue, ainda que se dê em diferentes momentos da história, as citações funcionam exatamente como índices de filiação temática.

De alguma forma, em maior ou menor escala, o discurso citante toca a temática do discurso citado. Se assim não fosse, não haveria necessidade de citação. Pode haver diálogo ou não em textos sem citações (se é que podemos falar em texto puro, sem nenhum tipo de citação ou não constituído pelo *outro*); porém se um texto cita outro texto, se lhe concede voz, certamente já conversaram, se relacionaram, dialogaram. Evidentemente, a posição do mestre russo é a separação de duas categorias analíticas no plano teórico. Entretanto, ele não nega que uma categoria seja exclusiva da outra, mas antes, declara que:

O estudo fecundo do diálogo pressupõe, entretanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem, e é essa recepção, afinal, que é fundamental para o diálogo. (BAKHTIN, 2014, p. 152)

A palavra está sempre orientada para um interlocutor, com o qual estabelece relações direcionadas para a retomada, ainda que, como nos afirma Bakhtin (2011), essa retomada ou diálogo seja não intencional. Ainda assim há diálogo, pois o que caracteriza essa interação não é o compartilhamento simultâneo de espaço e tempo, mas as relações de sentido estabelecidas, mesmo que sejam relações relativamente débeis, com pontos de interseção mais temáticos do que explicitamente morfossintáticos.

No caso do discurso citado, além da orientação da palavra para um interlocutor, existe a “alternância de sujeitos”. A palavra de um *outro*, que muitas vezes também se faz presente, pelo mecanismo de alternância, que é intencional. A citação estabelece um diálogo intencional. Quando se convoca um enunciado de outrem, faz-se com alguma intenção. Não se trata de uma espécie de solidariedade enunciativa; a citação traz o outro para argumentar. Argumentar a favor de um ponto de vista, contra tal posicionamento, como forma de complementação de uma ideia, etc.

Em muitos casos, colocam-se frente a frente trechos de palavras alheias em relação entre si. Por exemplo, poder-se-ia citar duas ou mais passagens de dois ou mais textos bíblicos e colocá-los em situação de complementariedade, de reforço, de confirmação de uma ideia. Poder-se-ia também convocar duas falas e pô-las em contradição, como um trecho bíblico e um trecho de discurso ateu. Como afirma Authier-Revuz (2008, p. 118):

Nesse sentido, falar é entrar em relação dialógica com esses discursos outros que habitam as palavras e é, nesse processo – que escuta, acolhe, com ou sem reticência, cada palavra, em função daquilo que ressoa nela de vozes estrangeiras, que o discurso toma corpo.

Segundo a concepção da autora, as citações, com suas diferentes matizes apreciativas, contribuem para a formatação do enunciado, para a materialização discursiva. São muitas as possibilidades de relações de sentidos estabelecidas quando se convoca a palavra do outro, ou seja, quando se cita a palavra alheia. Essa convocação, geralmente com tons de apreciação, encerra sempre um diálogo, pois a razão de ser da presença do outro no simulacro do enunciado citante será sempre para um relacionamento de sentidos (negação, aceitação, complementação, etc.) sobre um determinado tema. De acordo com Bakhtin (2011, p. 299):

O discurso do outro, desse modo, tem uma dupla expressão: a sua, isto é, a alheia, e a expressão do enunciado que acolheu esse discurso. Tudo isso se verifica, antes de tudo, onde o discurso do outro (ainda que seja uma palavra que aqui ganha força de um enunciado pleno) é citado textualmente e destacado com nitidez (entre aspas): os ecos da alternância dos sujeitos do discurso e das suas mútuas relações dialógicas aqui se ouvem nitidamente.

Pode-se observar nas palavras acima, a complexidade dos mecanismos de transmissão da palavra alheia. O autor expressa nesse excerto, as noções de simulacro, a forma clássica de “isolamento” do discurso alheio por meio das aspas, a questão da alternância de sujeitos e as relações dialógicas que “se ouvem nitidamente” por meio das formas de citação. Poder-se-ia complementar a ideia do autor apenas pela observação de que o itálico, que consiste em recurso tipográfico moderno, pode desempenhar as mesmas funções das aspas, *a priori*.

As citações constituem-se, desta forma, em mecanismos de estabelecimento de diálogos. Discurso citado e relações dialógicas não são duas categorias necessariamente concomitantes, mas a citação da palavra alheia se faz dentro de um contexto discursivo com um tema em abordagem. A voz do outro, ao entrar na teia discursiva, independentemente da forma como isso ocorra ou a apreciação que se imprima em relação ao discurso citado, sempre constitui um diálogo, pois não é possível, em condições normais, convocar a voz do outro para abordar um tema diferente do assunto tratado por quem cita. Essa parece ser uma consequência lógica imposta pela esfera discursiva e pelo gênero.

O LUGAR DO DISCURSO CITADO DENTRO DA ABORDAGEM DIALÓGICA DA LINGUAGEM

A citação representa um fenômeno enunciativo complexo e, ao mesmo tempo, recorrente em todas as esferas ou domínios discursivos (o discurso científico, o religioso, o político, o literário, o cotidiano, etc.). Em termos gerais, o discurso citado representa a inserção do discurso de outrem no nosso próprio discurso. Bakhtin (2014, p. 150) o define como “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação.” (Grifos do autor). A citação entra no discurso não apenas na estrutura morfossintática, mas na constituição de uma complexa relação de sentidos, pois são

variadas as intenções comunicativas em se trazer um bloco enunciativo de outrem, mais ou menos detectável, a depender das características da citação.

Uma das principais razões de citar a palavra do outro consiste em elaborar uma argumentação a favor de um ponto de vista. Entretanto, existem outras possibilidades. A citação pode entrar na estrutura enunciativa com diferentes matizes de apreciação. Pode-se citar para corroborar uma ideia, reforçá-la, rechaçá-la, complementá-la, refletir sobre a mesma, ensejando uma discussão mais aprofundada sobre determinado tema etc. Sarfati (2010) aponta que as citações possuem alguns valores, tais como o valor crítico, ilustrativo, pedagógico, enfático, protetivo, estético, valor de caução, dentre outros. Em outros termos, pode-se dizer que a citação é um mecanismo multifuncional.

Todavia, essa riqueza de nuances nem sempre é tratada como deveria. As obras gramaticais, a exemplo, normativas ou descritivas, geralmente tratam a questão do discurso citado enquanto problema de ordem morfosintático unicamente. Apesar dos critérios utilizados e dos exemplos fornecidos, e, mesmo em alguns casos, demonstrando uma análise linguística apreciável, esses compêndios não dão conta da complexidade do tema da citação. O empreendimento de analisar as relações lógicas, ou seja, linguísticas, nos enunciados, constitui apenas uma faceta da imensa complexidade de um assunto que envolve também relações dialógicas, que ultrapassam os limites da estrutura linguística e atingem os níveis discursivo-ideológico e sócio-histórico.

Apesar da reconhecida importância do tema do discurso citado, tratado por Bakhtin e os membros do Círculo, especialmente Voloshinov (1929-1930)[2014] e por outros teóricos de renome como Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Castro (2009), dentre outros, este tema não tem recebido por parte de muitos estudiosos da linguagem a profundidade de tratamento necessária. Segundo Castro (2009, p. 120), nem no escopo dos estudos bakhtinianos, nem na linguística, assim como no meio educacional mais amplo, as formas de citação da voz alheia não têm ocupado o centro do debate. O autor argumenta que

[...] facilmente vemos autores se referindo aos temas da polifonia, da carnavalização, do dialogismo ou dos gêneros do discurso, mas muito raramente encontramos autores colocando o tema da citação como centro de suas discussões. Para fora dos estudos bakhtinianos, mas no âmbito dos estudos linguísticos, se dermos uma olhada geral em livros, artigos e análises de eventos produzidos no país, principalmente naqueles que se debruçam sobre análise de texto ou de discurso, raramente encontraremos menção aos temas da citação. Nos debates educacionais sobre língua materna, nos quais era de se esperar menção ao tema, posto que o trabalho de leitura e interpretação de textos muito poderia aproveitar de sua discussão, também dificilmente encontramos referência à temática da citação e dos modos de encontro e apropriação das vozes alheias.

Para o autor, a categoria analítica *discurso citado* deveria ocupar uma posição de maior destaque no escopo da abordagem dialógica da linguagem. Outros conceitos têm recebido muito

mais atenção, apesar de o próprio Bakhtin (2014) já haver se posicionado em relação à citação enquanto problema sintático “nodal” para sua proposta metodológica de estudos da linguagem.

No meio educacional, de forma mais marcante, esse problema da citação se faz mais nevrálgico. O tratamento não adequado do tema o reduz a um capítulo em uma gramática, e, além disso, dá-lhe um enfoque completamente estrutural. No entanto, a presença de uma voz alheia no discurso, o contato com a palavra do outro, expressa, acima de tudo, o caráter interacional, dialógico e social da linguagem.

Nesse contato, podem se estabelecer sentidos múltiplos e movimentos discursivos de variadas nuances tais como a aceitação parcial ou total, a rejeição, também parcial ou total, a complementação, a ironia, a exaltação, dentre outros, movimentos que marcam as tonalidades apreciativas frente aos discursos alheios, embates ideológicos que podem ser desvelados por meio da análise das citações. E todos estes sentidos expressos através da menção à voz alheia encontram-se ainda desconsiderados.

Essa constatação pode ser indicativa do quanto nossa educação ainda é mecanicista, estruturalista. Ainda vigora a forma sobre a função. Não se defende a ideia de conjurar as análises de foco mais estruturais, de desconsiderá-las; o que se constata é que elas, unicamente, não podem dar conta do complexo fenômeno da citação do discurso do outro, pois excluem a própria essência desta retomada que se baseia no conceito de linguagem essencialmente dialógica.

Muito mais que apenas citar a palavra do outro, ou dar voz ao outro, as formas de citação podem expressar diferentes nuances, que retratam a natureza da recepção e da transmissão da palavra alheia. Além disso, revela a apreciação, ou seja, os níveis de aproximação, neutralidade e distanciamento que sempre ocorrem no entrecruzamento dos discursos. As atitudes diante da presença do outro, a cessão do espaço para enunciação da voz alheia ou a alternância de sujeitos enseja sempre um posicionamento frente aos fatos sociais e ideológicos. A linguagem constitui-se, então, como pano de fundo das relações sociais mais amplas.

As relações dialógicas estabelecidas entre o discurso e a palavra alheia revelam o caráter social da linguagem. Enquadrar a citação apenas na linguística estrutural, dentro das análises frasais, com descrições puramente estruturais, é rejeitar o pressuposto dialógico da linguagem, a supremacia do enunciado. Um dos aspectos mais importantes da palavra citada é exatamente a demonstração da responsividade que perpassa as práticas languageiras do dia a dia.

A palavra citada é prova incontestada de que as práticas de linguagem sempre se ancoram em um “já dito”. Existe um fluxo multidirecional na cadeia da fala e da escrita que põe os enunciados em constante interação. Ao passo que retoma um já dito, ainda que de forma não intencional, um enunciado terá, em algum ponto do tempo e do espaço, uma resposta, um diálogo engendrado. Castro (2009, p. 133) aponta esse caráter responsivo da linguagem ao afirmar:

Assim, o estudo da citação em seu amplo espectro, por ajudar a ampliar o nosso escopo de compreensão sobre a cadeia de comunicação, tem uma importância fundamental para ajudar a compreender vários aspectos de nossa vida social e cultural. Como disse Bakhtin, a relevância da palavra citada do outro é tão grande em nossas vidas que mais da metade de

nossas palavras vem do outro, da referência a ele, da ressonância de sua voz, da citação de sua palavra.

O autor defende que o discurso citado pode ajudar a desvelar aspectos da vida social. Mais uma vez, uma das teses bakhtinianas encontra ressonância, pois o autor corrobora a visão do mestre russo ao assegurar ser possível a compreensão de fatores extralinguísticos a partir da análise de uma categoria linguística. Em outros termos, a categoria discurso citado, segundo o autor, pode ajudar a interpretar e compreender para além dela mesma. É exatamente essa a proposta bakhtiniana para a metalinguística ou translinguística.

Essa proposta de análise passa necessariamente pelo filtro interpretativo, pois a perscrutação da interação entre o discurso citante e o discurso citado, pode revelar as nuances entre as vozes postas em diálogo a partir do momento em que o analista elabora um esquema de confrontação dos sentidos. Pode, assim, compreender melhor como se dá o encontro entre os pontos de vista sobre determinados fatos sociais de importância histórica, política, econômica, educacional, etc.

O confronto dos discursos, sua comparação, pode revelar os tons de apreciação, assim como os níveis de aproximação ou de distanciamento entre eles, e através desse confronto ideológico, é possível interpretar com clareza os posicionamentos ideológicos dos enunciadores frente aos fatos da vida. Decorre dessa possibilidade a riqueza das citações enquanto mecanismos de ajuda de compreensão e interpretação textual.

Conhecendo a apreciação que o enunciador demonstra frente aos discursos que cita, fica mais tangível o conhecimento de seus posicionamentos axiológicos, suas perspectivas ideológicas. É importante observar, então, quais são os discursos citados, como são citados, em termos de frequência, tipos de citações (direta, indireta etc.), e, principalmente, as relações entre a palavra própria e a palavra alheia - aceitação, recusa, complementação etc. Essa possibilidade de “vasculhamento” dos sentidos é demonstrada também por Castro (2009, p. 133), ao dizer que

[...] poderíamos compreender melhor a nossa prática cotidiana, familiar e profissional de linguagem, analisar melhor a produção da imprensa e das mídias de um modo geral e, inspirados pelo ensaio de Voloshinov, empreender trabalhos novos e diferentes com a literatura de prosa, que pudesse vasculhar melhor seu interior, descobrindo e identificando novas tendências estéticas e apreciativas de registrar a voz alheia.

Pode-se compreender a reclamação do autor por um maior interesse por parte dos analistas, que, de certa forma, têm subestimado o papel analítico da categoria do discurso citado. Como se percebe, a categoria tem um grande potencial de uso enquanto instrumento de averiguação, de reflexão e análise, pois coloca lado a lado os discursos e os embates ideológicos que se materializam na tessitura textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas de citação, por marcarem o encontro social de vozes, representam o embate ideológico acerca de temas de interesse. Se esse mecanismo passasse a ser abordado por outros ângulos, segundo a perspectiva dialógica de Bakhtin, poderia contribuir muito para uma melhor percepção e compreensão dos sentidos materializados no texto.

O espaço que o fenômeno tem recebido historicamente, principalmente dentro do escopo educacional, é pífio. Há, portanto, a necessidade de um novo olhar, de um novo *modus operandi* no tratamento do assunto e, principalmente, em sua utilização como instrumento de apreciação e vasculhamento de ideologias. As propostas fora e mesmo dentro dos círculos de estudos linguísticos ainda subestimam, por assim dizer, o valor da categoria analítica “discurso citado”.

Faz-se necessário que novos estudos e debates teóricos e aplicados surjam e encaminhem essa categoria bakhtiniana a um lugar mais central nas análises linguísticas, pois essa ação começou a ser empreendida pelo próprio Bakhtin e Voloshinov (1929) [2014], ao afirmarem que as formas de transmissão da palavra alheia é tema “nodal” para o escopo linguístico que os mestres russos fundaram.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, SP: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.; dez. 1990.
- _____. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.
- _____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.
- _____. **Para uma Filosofia do Ato**. Tradução, não-revisada e de uso didático e acadêmico, de C. A. FARACO e C. TEZZA. 1993 [1920-24].
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARBOSA, M. S. M. F. **A heterogeneidade discursiva em revistas de divulgação científica**. Natal: UFRN, 2008. 184 p. Tese (Doutorado).
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: UNICAMP, 1997.
- _____. Análise e teoria do discurso. In: _____. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

- _____. Gêneros do discurso: unidade e diversidade. **Polifonia**, v. 8, n. 08, 2004.
- CASTRO, G. Formas sintáticas de enunciação: o problema do discurso citado no Círculo de Bakhtin. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas o círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- GRILLO, S. V. C. A metalinguística: por uma ciência dialógica da linguagem. In: **Horizontes**, v. 24, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2006.
- HOLQUIST, M. **Dialogism: Bakhtin and his world**. Psychology Press, 2002.
- MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MAINGUENEAU, D. **Elementos de lingüística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas: Ed. Pontes, 1997.
- _____. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo, Cortez, 2002.
- PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HACK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: ed. Unicamp, 1997.
- _____. **Discurso**. Estrutura ou acontecimento. Campinas, Pontes, 1983; 1999.
- _____. **O discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Campinas, 1983.
- RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 2001. 347 f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- _____. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 152-183, 2005.
- _____. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. 2, p. p. 415-440, 2010.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, p. 184-207, 2005.
- SARFATI, G.É. **Princípios da análise do discurso**. Tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Piovezani e Vanice Sargetini. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

Recebido em 17/12/2015. Aceito em 10/05/2016